



PODER E REPRESSÃO E SUA INTER-RELAÇÃO COM O ESPAÇO LITERÁRIO DE **OS QUE BEBEM COMO OS CÃES**, DE ASSIS BRASIL

POWER AND REPRESSION AND THEIR INTER-RELATIONSHIP WITH
THE LITERARY SPACE OF **OS QUE BEBEM COMO OS CÃES**, BY ASSIS BRASIL

Ederson Dias de Carvalho*

69

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é apresentar o espaço literário da obra *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Assis Brasil, sob a ótica da relação entre poder e repressão. Na esteira de conceitos topoanalíticos, tais como fronteira e topopatia, o espaço ficcional da referida obra é desnudado. Com isso, situações de horror e sofrimento são reveladas, com personagens vivendo em meio a situações sub-humanas no presídio. Desse modo, nota-se que o espaço oferece elementos para que os leitores possam refletir acerca das condições de poder e repressão presentes no referido texto do citado escritor. Tem-se aqui uma pesquisa bibliográfica, de cunho analítico-qualitativa, que utiliza como aporte teórico os seguintes escritores: Borges Filho (2007), Bourdieu (2007), Foucault (2013), dentre outros. Os resultados demonstram que analisar uma obra literária, com base em conceitos topoanalíticos, ajuda o leitor a compreender, de forma holística e crítica, perspectivas outras acerca do espaço ficcional nela contido.

Palavras-chave: Espaço literário; Poder; Repressão; *Os que bebem como os cães*.

Abstract: The objective of the present research is to present the literary space of the work *Os que bebem como os cães*, by the Piauí writer Assis Brasil, from the perspective of the relationship between power and repression. In the wake of topoanalytical concepts, such as border and topopathy, the fictional space of the aforementioned work is laid bare. With this, situations of horror and suffering are revealed, with characters living in the midst of sub-human situations in the prison. Thus, it is noted that the space offers elements for readers to reflect on the conditions of power and repression present in the aforementioned text by the aforementioned writer. We have here a bibliographical research, of an analytical-qualitative nature, which uses as theoretical support the following writers: Borges Filho (2007), Bourdieu (2007), Foucault (2013), among others. The results demonstrate that analyzing a literary work, based on topoanalytical concepts, helps the reader to understand, in a holistic and critical way, other perspectives about the fictional space contained in it.

Keywords: Literary space; Power; Repression; *Os que bebem como os cães*.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Professor do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí – CEAD/UFPI. E-mail: edersonstar@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar a obra *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, com base, predominantemente, na perspectiva teórica da topoanálise, do pesquisador Oziris Borges Filho. Assim, este estudo se desenvolve não somente recorrendo-se a trechos da referida narrativa assisiana, mas também a citações extraídas principalmente do livro *Espaço & Literatura: uma introdução à topoanálise* (2007) de autoria do mencionado pesquisador.

O embate entre as relações de poder existente na mencionada narrativa de Assis Brasil gera uma desproporcional repressão por parte do poder dominador, porém fazem surgir ações que manifestam resistência por parte dos dominados, por meio dos gritos e dos suicídios das personagens.

Desse modo, a análise de *Os que bebem como os cães* volta-se para a relação entre poder e repressão presente no espaço ficcional do referido romance. Para isso, recorre-se não somente às contribuições de Borges Filho e os seus conceitos topoanalíticos de fronteira e de topopatia, mas também às ideias de Bollnow, Bourdieu, Foucault etc.

2. OS QUE BEBEM COMO OS CÃES, DE ASSIS BRASIL: ESPAÇO, PODER E REPRESSÃO

A linguagem literária tem a capacidade de despertar reflexões políticas e sociais sem que necessariamente se possa afirmar que ela está denunciando uma realidade específica ou um regime político e social determinado.

Essa linguagem pode ser observada na obra *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil. Assim, aqueles que têm contato com o mencionado texto costumam ser levados a pensar que ele está tratando de uma fatídica realidade histórica vivida no Brasil à época da



ditadura militar: um sistema político detentor do poder e que promovia forte repressão aos seus opositores, mas que, a fim de justificar as ações violentas que mantinha diante daqueles que se levantavam contra ele, produzia um discurso que pregava a ordem e o progresso ao país.

Esse discurso era repassado às pessoas e assimilado com naturalidade e de forma passiva por parte de uma parcela da população. Acerca do conformismo com que parte do corpo social tende a aceitar o referido discurso, discorre Bourdieu:

As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objectivas (sic) do espaço social. Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-lhe possíveis diferentes, e até mesmo antagonistas [...] (BOURDIEU, 2007, p. 141).

Com isso, as estruturas político-sociais dominantes têm à sua disposição não somente um aparato de recursos materiais e humanos capaz de provocar ações repressivas físicas a quem a elas se opor, mas também dispõem de um poder simbólico que age silenciosamente e de forma a alimentar ainda mais tais estruturas. Referindo-se a esse poder, na tentativa de defini-lo, Bourdieu (2007, p. 14, grifo do autor) aponta que ele é um “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica (sic)), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”.

Na obra *Os que bebem como os cães* há uma reflexão direta sobre o poder, assim como se pode notar a seguir: “O poder era aquilo – uma voz mais poderosa e que tinha meios poderosos para o domínio. O poder e o domínio – o confinamento de uma parcela de homens, o poder nas mãos de uma parcela de vermes” (BRASIL, 2013, p. 47).

Nessa passagem da obra assisiana percebe-se também uma crítica aos detentores do poder dominador que agem duplamente: não somente por meio da força, mas também por meio do discurso, das palavras.

Além disso, Bourdieu, recorrendo às ideias de Weber, comenta, por consequência, sobre a massa dos dominados que, de alguma forma, contribui para a continuidade do sistema repressor legitimado, poder dominador:



É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os 'sistemas simbólicos' cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a 'domesticação dos dominados' (BOURDIEU, 2007, p. 11).

No início do trecho a seguir, percebe-se uma reafirmação da existência da prática de "domesticação dos dominados" a que se refere Weber, por meio da expressão "cordeiros, calmos, autômatos, obedientes". Porém, também no trecho seguinte, há algo que se coloca como resistência ao poder dominador: o grito: "Embora cordeiros, calmos, autômatos, obedientes por vezes, ainda lhes restava alguma coisa – o grito – mas era uma revolta pacífica, e sabia que nenhum deles seria capaz de usar uma arma contra o seu algoz mais próximo" (BRASIL, 2013, p. 48).

Sabendo que a obra literária pode provocar reflexões no tocante às relações de poder constantes nas esferas social e política, há um conceito ainda pouco abordado dentro da toponálise, mas que contribui para a alargar essas reflexões: o conceito de fronteira, "então, na toponálise de uma obra cabe a perguntar se os espaços nela representados são separados por alguma espécie de barreira, obstáculo etc. Essas barreiras/obstáculos constituem as fronteiras que são de natureza material, física e não psicológica ou social" (BORGES FILHO, 2007, p. 103).

Quanto a essa ideia de fronteira dentro do estudo da toponálise, Borges Filho formula uma série de classificações, dentre as quais serão destacadas nesta pesquisa apenas três. A primeira delas diz respeito às narrativas monotópicas, bitópicas e politópicas.

Borges Filho (2007) afirma que as narrativas monotópicas são aquelas que apresentam apenas um único espaço no texto literário. Diferentemente das narrativas politópicas que se caracterizam por apresentarem textos literários com vários espaços. Contudo, "Quando o espaço é dividido em dois subespaços por um fronteira, temos uma bitopia dentro da obra" (BORGES FILHO, 2007, p. 103), assim como se pode notar em *Os que bebem como os cães*, em que há a incidência do muro, região fronteira, que divide a obra em dois planos: o espaço da prisão, do espaço de convívio social livre, ou seja, do que está do outro lado do muro, do outro lado da fronteira.



Na segunda classificação apresentada por Borges Filho (2007), ele classifica a fronteira em artificial e natural, conforme discorre na sequência:

Em relação as suas propriedade físicas, a fronteira se divide em artificial e natural.

Fronteira artificial: é aquela estabelecida sem se levarem em conta os acidentes geográficos, portanto, é construída artificialmente. Esse tipo de fronteira, talvez, seja o mais comum no âmbito da toponímia, já que as fronteiras existentes na obra de ficção são mais de âmbito psicológico-axiológico que geográfico.

Fronteira natural: esse tipo de fronteira é estabelecido através de características geográficas tais como um deserto, um rio, uma montanha, etc. (BORGES FILHO, 2007, p. 106).

No que tange a essa divisão na narrativa assisiana, há a presença da fronteira artificial: um presídio, construção realizada pela ação do homem.

A terceira classificação estabelecida por Borges Filho (2007) se volta para a presença (ou não) de tensão no espaço fronteiro, qualificando a fronteira como tensa ou distensa. Acerca desse aspecto, manifesta-se o referido toponímico:

Assim, em relação a suas propriedades experienciais, a fronteira se divide em tensa e distensa.

Fronteira tensa: dá-se o nome de fronteira tensa àquela em que há tensão entre as personagens envolvidas. Esse tipo de fronteira foi ou está fixada através de guerras, de choques, de conflitos, etc.

Fronteira distensa: é a fronteira que se formou tranquilamente ou, mesmo que não tenha sido pacífica desde sua origem, na atualidade da narrativa ela não oferece nenhuma divisão por choques, isto é, em sua atualidade não ocorre nenhuma tensão (BORGES FILHO, 2007, p. 107).

Assim, o poder repressor que se manifesta em *Os que bebem como os cães* aponta para a existência de uma fronteira tensa. Dessa maneira, tomando-se por base o conjunto dessas classificações, pode-se afirmar que há no romance de Assis Brasil a conjugação de uma fronteira bitópica, artificial, tensa.

Esse espaço fronteiro contido no romance em estudo é altamente controlado pelos guardas que representam a mão do poder do Estado repressor, considerando que a referida obra sugere tratar, de forma conotativa, das ditaduras vigentes à época em que ela foi lançada.



Na narrativa *Os que bebem como os cães*, de forma a enfatizar o caráter de repressão veiculado por ela, há a presença de um espaço hostil, inserido à margem da sociedade: a prisão. Esses espaços que retratam hostilidades, tais como os espaços dos presídios, são considerados “[...] heterotopias de desvio: isto significa que os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22). Foucault, a seguir, continua a descrever como costumam se apresentar as heterotopias:

[...] as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante. Em geral, não se entra em um heterotopia como em um moinho, entra-se porque se é obrigado (as prisões, evidentemente), ou entra-se quando se foi submetido a ritos, a uma purificação (FOUCAULT, 2013, p. 26).

No tocante à obra em análise, a ideia de que Jeremias estava ali contra a sua vontade, obrigado, em uma configuração espacial tratada por Foucault como heterotópica, é reforçada quando o protagonista do texto assisiano em discussão se mostra, ainda no início da narrativa, como um ser que nutre esperanças de sair daquele espaço desagregador da prisão, assim como se pode observar no excerto a seguir:

E pela segunda vez, após o pensamento primitivo de que os homens podiam tudo contra os homens, uma outra reflexão rasgou o seu cérebro e tinha um nome: ESPERANÇA – um possível final para a tortura, alguém que espera para os seus braços, para o seu conforto, uma paisagem terna entrando pelos olhos. O corpo, dolorido e martirizado – por mais sábia que seja a natureza – tem um limite, o terno carinho de algumas mãos: lembrava-se disso. Um farol no fim da estrada ou do túnel. O grito, a esperança (BRASIL, 2013, p. 27, grifo do autor).

Discorrendo também sobre as heterotopias de Foucault, Soja aponta que nelas há um misto de concreto e de abstrato, sendo espacialidades voltadas para promover reflexões no que diz respeito às práticas sociais. Acerca de tais reflexões, na passagem anterior, o narrador utiliza a metáfora do farol. Lembrando que esse instrumento somente possui funcionalidade onde há escuridão, sendo que esse escuro pode ser comparado à própria prisão ou à sociedade passiva e acostuada à submissão dos desmandos de um Estado opressor. Acerca disso, aponta Soja:



O espaço heterogêneo e relacional das heterotopias de Foucault não é nem um vazio desprovido de substância, a ser preenchido pela intuição cognitiva, nem um repositório de formas físicas a ser fenomenologicamente descrito em toda a sua resplandecente variabilidade. Trata-se de um espaço outro, daquilo que Lefebvre descreveria como *l'espace vécu*, a espacialidade efetivamente vivida e socialmente criada, simultaneamente concreta e abstrata, a textura das práticas sociais (SOJA, 1993, p. 26).

Nesse sentido, além de Soja, também Harvey (1980) afirma que o espaço é relacional. Ambos comungam da ideia de que esse elemento interage na formação social, sendo, portanto, rico em significados e, não, algo vazio e isolado. A heterotopia de desvio, por exemplo, mencionada por Foucault, surge como produto da relação entre espaço e exclusão. Ademais, o espaço, tomando-se por base uma concepção mais globalizante, é identificado também entre o eu e o outro, entre os objetos e a personagem, adquirindo um aspecto interrelacional. Diante disso, os espaços, sobretudo os heterotópicos, possuem um campo semântico subjacente, atrelado a eles, pois segundo Foucault:

Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas (FOUCAULT, 2013, p. 19).

75

A obra *Os que bebem como os cães* exemplifica a não neutralidade do espaço mencionada por Foucault. O trecho, a seguir, mostra Jeremias dentro da cela, produzindo juízo de valor da espacialidade em que ele está imerso: “Deixou-se sentar aos poucos, até sentir o chão úmido. A aspereza da roupa nova estava em seu corpo, o molhado da água, e se achou com certo conforto, uma certa paz – a inércia era um entorpecimento, uma derrota” (BRASIL, 2013, p. 91).

Essa passagem do romance explicita um dos raros momentos em que Jeremias sente-se bem, todavia, esse aparente conforto é gerador de inércia, de comodismo. Desse modo, o espaço produz entorpecimento tanto quanto os alucinógenos ingeridos pelo protagonista da narrativa. Assim, a relação conforto/inércia poderia ser atribuída como a causadora do fato de muitos que antes eram vítimas e sofrendores do sistema opressor estatal, ao atingirem classes sociais mais elevadas e benesses financeiras, agora pouco contribuem para agirem



contra o sistema que outrora os oprimiam? Assim, também negando a neutralidade do espaço, posiciona-se Otto Bollnow na obra *O homem e o espaço* (2019):

[...] o espaço tampouco é para o homem um meio neutro e constante, mas é preenchido com significados nas relações vitais de atuações opostas, e esses significados, por sua vez, mudam de acordo com os diferentes lugares e regiões do espaço. Também esses significados não são devidos a sentimentos apenas subjetivos que o homem liga ao espaço, mas são caracteres autênticos do próprio espaço vivido (BOLLNOW, 2019, p. 18).

No entanto, esse preenchimento a que se refere Bollnow, realizado pelo homem nos espaços vivenciados, é suscetível de alterações. Dessa maneira, o espaço tende a estar intimamente ligado ao estado emocional dos seres que dele fazem uso, assim, “[...] o espaço não somente é diverso para os diversos homens, mas varia para o próprio indivíduo de acordo com a sua constituição e humor circunstanciais. Cada modificação ‘no’ homem condiciona uma mudança de seu espaço vivido” (BOLLNOW, 2019, p. 18).

Essa modificação a que está passível o espaço poderá ser motivada não apenas pelo estado emocional de um ser singular, mas poderá ser fruto de uma concepção dos homens em geral em um dado momento histórico. Foucault comenta sobre tal modificação, apontando como exemplo o caso do espaço heterotópico dos cemitérios que outrora figurava nos centros das cidades e, a partir de um dado momento, passou a ocupar um lugar à margem da extensão urbana:

Por outro lado, todos esses esqueletos, todos esses cemitérios foram postos à parte, fora da cidade, no seu limite, como se se tratasse ao mesmo tempo de um centro e um lugar de infecção e, em certo sentido, de contágio da morte. Mas – não se pode esquecer – tudo isso só ocorreu no século XIX, mais precisamente, no decurso do Segundo Império (FOUCAULT, 2013, p. 23).

Esse “lugar de infecção”, mencionado por Foucault, que a sociedade, a partir do século XIX, atribuiu ao espaço do cemitério, poderá ser atribuído a outro espaço também heterotópico: os presídios. Acerca disso, a seguir, há passagens no romance *Os que bebem como os cães* que buscam qualificar os seres que habitam tal espaço da prisão vivenciado pelo protagonista da narrativa de Assis Brasil: “– Cão leproso” (BRASIL, 2013, p. 58), “– Vamos,



seus vermes” (BRASIL, 2013, p. 128), “*apodrecer cela última vez verme verme*” (BRASIL, 2013, p. 102, grifo do autor).

Tais qualificativos contaminam não apenas as personagens a quem eles são dirigidos, mas também os espaços em que essas personagens habitam. Além disso, nessa última passagem do romance assisiano descrita anteriormente é importante observar a forma como as palavras estão dispostas, com um espaçamento entre as palavras e ordem de apresentação que fogem à sequência regular das frases na língua portuguesa, remetendo à ideia de desordem mental a que o protagonista da obra está imerso.

Diante dessa relação existente entre espaço e personagem, com base no fato de que existem espaços que remetem a sentimentos positivos e outros que remetem a sentimentos negativos, Borges Filho cria o neologismo topopatia que significa “[...] a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço. Esse elo assume inúmeras formas e é extremamente variável em amplitude e intensidade emocional. Logo, a análise da topopatia em uma obra literária exige uma leitura cuidadosa do texto” (BORGES FILHO, 2007, p. 157).

A topopatia se subdivide em topofilia e topofobia. Quando o espaço remete a sentimentos positivos para a personagem, tem-se topofilia, no entanto, quando ele se remete a sentimentos negativos, tem-se aí a topofobia, “em outras palavras, quando o espaço se aproxima do fasto, temos a topofilia, quando ele se aproxima do nefasto, temos a topofobia” (BORGES FILHO, 2007, p. 158).

Assim, pode-se afirmar que nos espaços heterotópicos de desvio há uma forte incidência da topofobia, conforme se pode observar no trecho seguinte da obra em análise:

Os braços foram puxados para trás e os pulsos algemados – a boca recebeu o impacto da mordaca, e o empurrão completou o quadro repetido que a sua mente recusava cada vez mais.

Estava sendo levado, quase arrastado – os pingos d’água desciam dos cabelos pelo rosto, pingavam do queixo, assim como as lágrimas algumas horas antes, alguns dias antes (BRASIL, 2013, p. 50).

Esse excerto descreve o tratamento dado pelos guardas a Jeremias quando este realiza a ação de gritar no pátio. Ao realizar tal ação, os guardas buscam imediatamente inibir os gritos por meio de práticas violentas, levando o presidiário para a cela. Jeremias chega a



chorar em meio a tanto sofrimento. Tudo disso ocorre dentro de lugares caracteristicamente topofóbicos: cela-pátio.

Ademais, o conhecimento acerca da topopatia engloba a observação de outras vertentes, tais como percepção, atitudes e valores e concorre para um resultado satisfatório ao analisar uma obra literária que contém, por exemplo, espaços heterotópicos desviantes. Diante disso, aponta Borges Filho:

O estudo da topopatia envolve a investigação de três temas que se inter-relacionam e se completam, a saber: percepção, atitudes e valores. Ou seja, ao topoanalista, cabe observar de que forma as personagens, narrador, eu-lírico, etc. percebem os espaços onde vivem. Percepção pode ser entendida em duas partes. Primeiramente, pode ser encarada como a reação dos sentidos em relação aos estímulos externos. Também pode ser entendida como uma ação voluntária na qual certos acontecimentos são normalmente registrados enquanto outros são deixados de lado. Nesse momento, devemos investigar quais os sentidos estão atuando na percepção espacial (BORGES FILHO, 2007, p. 160-161).

Diante do exposto, considerando-se a relação multifocal existente entre o homem e o espaço, afirma Bollnow:

78

O homem não se encontra no espaço como um objeto se encontra numa caixa, e não se relaciona com o espaço como se primeiro houvesse um sujeito sem espaço que então, posteriormente, passasse a se relacionar com um espaço. Antes, a vida consiste originalmente nessa relação com o espaço e, portanto, nem mesmo em pensamento ela pode se libertar disso (BOLLNOW, 2019, p. 21).

Portanto, percebe-se aqui que as manifestações de poder e de repressão costumam fazer uso do espaço para veicularem as suas ideologias. A seguir, serão apresentadas as considerações finais, oportunidade em que se poderá ter acesso aos resultados obtidos ao longo deste estudo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida analisou a obra *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Assis Brasil, sob o viés do espaço ficcional, à luz da toponálise, perspectiva de estudo do espaço literário de autoria do pesquisador Oziris Borges Filho.



Embora se considere neste estudo que a referida obra trata de uma discussão universal acerca da repressão político-social do poder estatal, não se pode negar que o seu enredo se aproxima de uma realidade vivida à época de sua publicação: a ditadura militar no Brasil, sendo Jeremias, protagonista da narrativa, um professor de literatura que é preso, provavelmente, por agitar os estudantes em um período de intensa repressão.

Nesse sentido, considerando-se que a obra assisiana se aproxima de uma realidade outrora vivenciada neste país no que se refere ao período da ditadura militar no Brasil, pode-se fazer uma ligação desse momento histórico com o momento atual. O governo de direita bolsonarista vigente no país, por meio de um discurso falacioso e descomprometido com os fatos históricos, defende a ideia de que não houve ditadura no Brasil, sugerindo, inclusive, que expressões tais como “golpe” e “ditadura” sejam excluídas dos livros didáticos por entender que tais expressões não se coadunam com o que, de fato, ocorreu outrora no país.

Desse modo, não há dúvida de que o governo atualmente vigente no Brasil continua a utilizar práticas de apagamento para impor a sua ideologia política, assim, a análise crítica do espaço literário contribuirá para que se descortinem tais relações de poder e repressão.

REFERÊNCIAS

- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Tradução: Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2019.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço & literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz (português de Portugal). 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Os que bebem como os cães**. 8. ed. Teresina: Editora Nova Aliança, 2013.
- FOUCAULT, Michael. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução: Salma Tannus Muchaeil. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.



Recebido: 09/04/2022

Aprovado: 10/05/2022

